

Jacques Fux

BROCHADAS

Confissões sexuais de
um jovem escritor

Rocco

Eu

Antes de tudo, tenho que fazer uma confissão: nunca brochei. (Nem eu nem o famigerado Ziraldo!) Nunquilha! Mas uma retificação, infelizmente, deve ser feita: eu nunca brochei comigo mesmo. Sim. Claro. Eu, vivendo o rico imaginário das minhas coleções de imagens, sonhos, desejos e idealizações fantásticas nunca deixei de dar no couro apenas virtualmente falando. Assim, diante de musas (nem sempre tão belas), exposto a cheiros (de que tanto temos lutado para nos livrar), alcoolizado, ansioso, alucinado, vendo neuroticamente minha mãe me censurando, idealizando um amor *inter, sanguis, urinas et faeces*, e também por outras loucuras mais, tenho muito orgulho em admitir que sim, já brochei. E foram tantas vezes... me lembro de todas! Por isso, sigo vivendo a angústia dessa sensação dúbia do desejo da conquista e do medo do fracasso.

Aqui conto minhas histórias. Relato as experiências de uma geração e talvez as memórias de um povo que viveu inúmeras frustrações e flagelos (não, não é o

povo judeu!), já que não conheciam o deus Baco contemporâneo: o Viagra. Talvez este livro seja datado por conta disso. Talvez não. Casos de brochadas são conhecidos desde sempre. E desde sempre se buscam explicações, desculpas e soluções. Como neste livro. Como, talvez, em todos os livros já escritos! Assim me insiro novamente na História, dessa vez não tão glamourosa assim.

Até os grandes brocharam! Até os grandes não compreenderam muito bem a diacronia dos seus ilustres órgãos. Rousseau, em seu livro *Confissões*, revelou sua brochada de uma forma poética e literária: “De repente, ao invés de chamas devorando meu corpo, senti um frio mortal percorrendo minhas veias; minhas pernas tremeram e, quase desmaiando, sentei e chorei como uma criança.” Platão se incomodava por não conseguir controlar seu Platinho: “Desobediente e teimoso, como uma criatura deficiente de razão.” Montaigne reclamava da rebeldia do seu *petit*: “É certo notar a dispensa e a desobediência desse membro que inoportuna-mente nos deixa na mão quando mais necessitamos.” Tantos homens, importantes ou não, brocharam. Aqui narro a *Iliada* da brochada. O célebre e verdadeiro tabu da sociedade.

(Mas eu não quero ser brocha não, me tira dessa. Quero me proteger dessa terrível possibilidade. Acho que vou seguir o conselho de Plínio e vestir um amuleto para proteção: “Usar no pescoço o molar direito de

um crocodilo garante a ereção nos homens.” Mas não vale comprar na Amazon, você tem que ser “o cara” que pega esse molar à força! Assim, para garantir minha ereção eterna, sem nunca mais ter que reviver os casos e contos desse livro, *voilà*, acabo de marcar minha passagem para África! Os crocodilos que se cuidem!)

Narrar a brochada é reviver a dor, a vergonha, a incompreensão, a ironia, o misticismo e as muitas neuroses ao longo da história. Já diriam os historiadores e antropólogos: “Cada época com seus monstros”, mas se esqueceram de levar em consideração a inextinguível brochada. Santa brochada! Esse monstro que sempre acompanhou os grandes momentos da História. Desde os gregos e romanos que usavam o sexo e a sodomia para subjugar o outro e, quando brochas, eram considerados inferiores e desprezíveis, até o que aconteceu comigo “ontem”. Terrível. Triste. Ficção? Acabei, ao menos, me encontrando junto a alguns dos maiores acontecimentos da literatura mundial... e brocha! Assim divulgo, sem vergonha, o mais sigiloso e despudorado segredo da humanidade (que pretensão!).

E quando isso acontece, muitas perguntas são colocadas: Por que logo comigo? Por que não consigo controlar algo tão próximo, tão pequeno e tão simples? Como posso continuar vivendo após mirar meu próprio pênis e, suplicando por uma ereção urgente, receber em contrapartida um olhar combalido e agonizante do próprio? Por que essa parte do corpo que me per-

tence tem vontade e desejo próprios? Perguntas para as quais busco respostas pessoais, históricas, culturais e místicas. Perguntas sem respostas, mas literariamente ricas. Muito ricas. Por isso me atrevo a tratar dessa questão, sentida por muitos, em tantas épocas, e quase totalmente silenciada. Bem, vamos lá! Seja o quê, e quando o alter ego deste livro, Jacozinho, quiser! Amém.